

RESENHA

NOGUEIRA, Simone Gibran.
Libertação, descolonização e africanização da psicologia:
breve introdução à psicologia africana.
São Paulo: EdUFSCAR, 2019.

Lígia Mayra Amaral Lima¹

¹Graduanda em História no Centro Universitário Unisa-grad. RESENHA realizada para a disciplina de História da África II, sob a orientação da Prof. Dr^a Lourdes M. G. C. Feitosa.

Libertação, descolonização e africanização da Psicologia é uma obra de autoria de Simone Gibran Nogueira, formada em Psicologia e mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pós-doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. A autora tem experiência de pesquisa e trabalho em Psicologia Social, Educação das Relações Étnico-Raciais, Pertencimento Étnico-Racial, Culturas Populares, Capoeira Angola e Tradições Afro-brasileiras. O tema central do livro é a reflexão e crítica sobre a herança política e histórica greco-romana na construção de conhecimentos em Psicologia, sendo a criticidade desta o processo de “descolonização” dentro da perspectiva da libertação da Psicologia, valorizando a perspectiva afro-centrada.

O prefácio foi realizado por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, graduada em letras e com uma longa trajetória no campo educacional. Além deste, há uma breve apresentação na qual a autora expõe a finalidade do livro apresentando seus quatro capítulos, que são: “Colonização e descolonização da psicologia”, no qual há uma reflexão crítica sobre a colonialidade do poder, saber e ser na Psicologia Tradicional e na vida cotidiana; “Enegrecer, africanizar, aquilombar: processos históricos, políticos e científicos”, sobre a compreensão da parte de construção da história política e científica inovadora de pensamentos, pesquisadores e psicólogos negros que produzem conhecimentos há mais de cinco décadas; “Bases filosóficas e epistemológicas da psicologia africana”, que trata da construção dos novos

Recebido em: 10/10/2020
Aceito em: 30/11/2020

horizontes pela visão de mundo africana valorizando conhecimentos dos povos; e “Libertação, descolonização e africanização da psicologia”, que finaliza a reflexão a respeito da importância de se reconhecer as limitações imperialistas da psicologia tradicional e a abertura para diálogos diferentes de perspectivas do ser humano.

Na primeira parte do livro a autora explica que nesta obra sua proposta de libertação tem como referência os movimentos de descolonização e indigenização da Psicologia. Há a crítica à Psicologia Tradicional, que é baseada na visão eurocêntrica de mundo, a qual, nos últimos cinco séculos de História, influenciou boa parte do mundo e serviu como instrumentos de dominação e opressão a outros povos. A colonialidade seria a suposta racionalidade, proveniente da colonização da Europa, das relações sociais que se manifestam em todos os aspectos da sociedade, sendo reproduzidas diariamente, de acordo com Nogueira e Guzzo, pelas principais instituições sociais. É apresentado também uma crítica sobre como a colonização moldou a mente das pessoas brancas perpetuando uma relação desumana com o Outro (indígenas e afrodescendentes), ideia ratificada pelo citado Roberto Jensen, pesquisador estadunidense crítico da branquitude.

A partir dessa visão eurocêntrica, há a análise de que essa perspectiva causou uma desigualdade e injustiça social profunda. A autora utiliza as perspectivas crítica da decolonialidade, pós-colonialidade e afrocentrada para confirmar que a visão eurocêntrica é parte dessa problemática. Movimentos de construção epistemológicas de perspectiva sulista têm emergido e como exemplos de ascensão de novas perspectivas são citados Santo e Meneses na Europa, Hountondji na África e no campo da Psicologia Martin-Baró, Pedro Guarenschi, Porto-Gonçalves, Bento e Carone, Wade Nobles e Na'im Akbar, psicólogos da ABPsi/EUA (Associação Nacional de Psicólogos Negros nos Estados Unidos), criada no contexto do Movimento por Direitos Civis, em 1968. De acordo com esses psicólogos, os afrodescendentes têm suas identidades duplamente negadas, pois são instigados a internalizar costumes e o modo de vida do grupo dominante, sendo necessário passar por uma libertação da colonialidade. A autora expõe que a escolha de sua perspectiva crítica foi a afrocentrada, pois seu trabalho não diz respeito somente a descolonizar a perspectiva psicológica, mas também a africanizar as suas visões de mundo.

No capítulo “Enegrecer, africanizar, aquilombar: processos históricos, políticos e científicos”, a autora apresenta um panorama histórico da criação de uma “resistência histórica” por parte de pesquisadores africanos. Esta resistência, desde a década de 1960 e 1970

na região norte-americana, tem produzido, segunda ela, uma ciência histórica de acordo com a visão de mundo africana. A autora cita Karanja Keita Carroll para ratificar o conceito de resistência; Elisa L.Nascimento e Charles S.Finch III para refletir que essa resistência começou há muito tempo com o Quilombo dos Palmares, a poesia de Phillis Wheatley, a carta de Esperança Garcia e outros mais; e alguns intelectuais do século XX dos E.U.A, Gana, Guiné-Bissau, Brasil, Jamaica, França, Martinica, Cuba, Nigéria, Congo para mostrar como essa resistência se tornou mais forte no século passado.

Há um trecho contextualizando a psicologia negra na diáspora americana, fazendo uma crítica àqueles que ainda vêem esse estudo, embora norte-americano, como uma Epistemologia do Sul. A autora contextualiza os estudos negros e políticas públicas de ação afirmativa no Brasil, refletindo sobre como a resistência acadêmica cultural persiste mesmo em face a tantos ataques à ela. Analisa a psicologia em termos das relações étnico-raciais e da população afro-brasileira, apresentando marcos históricos para a reflexão sobre a psicologia africanizada, expondo os avanços da psicologia da temática étnico-racial no Brasil e as limitações, diálogos e desafios da psicologia nos EUA e no Brasil.

Na penúltima parte do livro intitulada “Bases filosóficas e epistemológicas da psicologia africana”, a autora utiliza alguns resultados de sua tese de doutorado “Psicologia crítica africana e descolonização da vida na prática da capoeira Angola” como referência para a exposição teórica sobre o tema. Inicia as primeiras considerações sobre o rumo do conhecimento da psicologia africana e seus desafios. Argumenta sobre os fundamentos da psicologia africana citando aspectos como religião e filosofia, noção de unidade, noção de tempo, noção de morte e imortalidade e o parentesco como unidade coletiva.

Há a conceitualização da Psicologia africana sobre a orientação do que é normal ou patológico, a axiologia de quais são os valores importantes, o conceito de self ou pessoa, a orientação do tempo, o propósito de vida e a epistemologia de qual conhecimento é válido e como adquiri-lo. Termina esse capítulo com considerações a respeito dos componentes da personalidade africana nos aspectos físicos, mental e espirituais, que interagem entre si para a autopreservação do indivíduo.

A última parte “Libertação, descolonização e africanização da psicologia” é uma síntese do pensamento e objetivo central do livro, que é a proposta de libertação da psicologia da epistemologia eurocentrista, branco-centrista, do patriarcado e etc. A autora termina instigando os leitores a refletirem, repensarem e a refazerem a academia com uma visão mais plural da psicologia.

A obra é reflexiva e de muito valor para o estudo da Psicologia. É destinada ao público acadêmico de Psicologia, Estudos Sociais, História e áreas afins que deseja ter uma introdução à abordagem da Psicologia africana e à visão epistemológica afrocentrada, crítica à percepção eurocentrista desta área.